

má-las melhor ainda emoções da alma, não só porque esse nome pode ser atribuído a todas as mudanças que nela sobrevêm, isto é, a todos os diversos pensamentos que lhe ocorrem, mas particularmente porque, de todas as espécies de pensamentos que ela pode ter, não há outros que a agitem e a abalem tão fortemente como essas paixões.

Art. 29. Explicações de sua outra parte.

Acrescento que elas se relacionam particularmente com a alma, para distingui-las dos outros sentimentos que referimos, uns aos objetos exteriores, como os odores, os sons, as cores, e os outros ao nosso corpo, como a fome, a sede, a dor. Acrescento, outrossim, que são causadas, sustentadas e fortalecidas por algum movimento dos espíritos, a fim de distingui-las de nossas vontades, que podemos denominar emoções da alma que se relacionam com ela, mas que são causadas por ela própria, e também a fim de explicar sua derradeira e mais próxima causa, que as distingue novamente dos outros sentimentos.

Art. 30. Que a alma está unida a todas as partes do corpo conjuntamente³⁹.

Mas, para compreender mais perfeitamente todas essas coisas, é necessário saber que a alma está verdadeiramente unida ao corpo todo⁴⁰, e que não se pode propriamente dizer que ela esteja em qualquer de suas partes com

³⁹ Constituinte as paixões um dos aspectos da comunicação entre o corpo e a alma, serão agora analisadas as modalidades desta.

⁴⁰ *Primeira modalidade da união*: a alma, justamente por não ter extensão alguma, não enforma qualquer parte do corpo humano, em especial.

exclusão de outras, porque o corpo é uno e de alguma forma indivisível⁴¹, em virtude da disposição de seus órgãos, que se relacionam de tal modo uns com os outros que, quando algum deles é retirado, isso torna o corpo todo defeituoso; e porque ela é de uma natureza que não tem qualquer relação com a extensão nem com as dimensões ou outras propriedades da matéria de que o corpo se compõe, mas apenas com o conjunto dos seus órgãos⁴², como transparece pelo fato de não podermos de maneira alguma conceber a metade ou um terço de uma alma, nem qual extensão ocupa, e por não se tornar ela menor ao se cortar qualquer parte do corpo, mas separar-se inteiramente dele quando se dissolve o conjunto de seus órgãos.

Art. 31. Que há uma pequena glândula no cérebro, na qual a alma exerce suas funções mais particularmente do que nas outras partes.

É necessário também saber que, embora a alma esteja unida a todo o corpo, não obstante há nele alguma parte em que ela exerce suas funções mais particularmente do que em todas as outras⁴³; e crê-se comumente que

⁴¹ Essa indivisibilidade própria ao organismo humano resulta de sua união com a alma: "Nosso corpo, enquanto corpo humano, permanece sempre o mesmo número durante o tempo em que está unido à mesma alma. E inclusive, nesse sentido, é indivisível...". (Carta a Mesland, citada in Guéroult, II, pág. 181.)

⁴² Essa penetração da alma em todo o corpo permite falar de uma "alma corporal" em um sentido muito particular, que Descartes ressalta na carta de 26 de julho a Arnauld: "Se por *corporal* entendemos o que pertence ao corpo, embora seja de outra natureza, a alma também pode ser dita corporal, na medida em que está apta a unir-se ao corpo; mas se por *corporal* entendemos o que participa da natureza do corpo, esse peso não é mais corporal do que a nossa própria alma".

⁴³ *Segunda modalidade da união*: a alma deve ter sua sede em um órgão que governa o movimento dos espíritos animais. (Cf. Lívio Teixeira, *op. cit.*, pág. 154.)

esta parte é o cérebro, ou talvez o coração: o cérebro, porque é com ele que se relacionam os órgãos dos sentidos; e o coração, porque é nele que parece sentirem-se as paixões. Mas, examinando o caso com cuidado, parece-me ter reconhecido com evidência que a parte do corpo em que a alma exerce imediatamente suas funções não é de modo algum o coração, nem o cérebro todo⁴⁴, mas somente a mais interior de suas partes, que é certa glândula muito pequena, situada no meio de sua substância, e de tal modo suspensa por cima do conduto por onde os espíritos de suas cavidades anteriores mantêm comunicação com os da posterior, que os menores movimentos que nela existem podem contribuir muito para modificar o curso desses espíritos, e, reciprocamente, as menores modificações que sobrevêm ao curso dos espíritos podem contribuir muito para alterar os movimentos dessa glândula⁴⁵.

Art. 32. *Como se conhece que essa glândula é a principal sede da alma.*

A razão que me persuade de que a alma não pode ter, em todo o corpo, nenhum outro lugar, exceto essa glândula, onde exerce imediatamente suas funções é que considero que as outras partes do nosso cérebro são todas duplas, assim como tempos dois olhos,

⁴⁴ Objetar-se-á a Descartes que a gente não tem cérebro em excesso para pensar. Já Galeno, no *De Usu Partium*, escrevia: "Crer que esse corpo (a glândula pineal) preside a passagem do espírito é dar prova de ignorância e atribuir demasiado a essa glândula. Se assim fosse, uma glândula desempenharia o papel e teria a dignidade de cérebro". Mesnard, que cita esse texto no artigo já mencionado (págs. 208-209), conclui daí que Descartes não conhecia Galeno, a não ser por uma obra de J. Sylvius, aparecida em 1555, onde o autor assume por desventura, precisamente sobre este ponto, posição oposta à do grande empírico.

⁴⁵ A mobilidade da glândula é uma das condições essenciais que Descartes invoca a fim de convertê-la em sede da alma.

duas mãos, duas orelhas, e enfim todos os órgãos de nossos sentidos externos são duplos; e que, dado que não temos senão um único e simples pensamento de uma mesma coisa ao mesmo tempo, cumpre necessariamente que haja algum lugar onde as duas imagens que nos vêm pelos dois olhos, onde as duas outras impressões que recebemos de um só objeto pelos duplos órgãos dos outros sentidos, se possam reunir em uma antes que cheguem à alma, a fim de que não lhe representem dois objetos em vez de um só. E pode-se conceber facilmente que essas imagens ou outras impressões se reúnem nessa glândula, por intermédio dos espíritos que preenchem as cavidades do cérebro, mas não há qualquer outro local no corpo onde possam assim unir-se, senão depois de reunidas nessa glândula⁴⁶.

Art. 33. *Que a sede das paixões não fica no coração.*

Quanto à opinião dos que pensam que a alma recebe as suas paixões no coração, não pode ser de modo algum considerável, pois se funda apenas no fato de que as paixões nos fazem sentir aí alguma alteração⁴⁷; e é fácil notar que essa alteração só é sentida, como que no coração, por intermédio de um pequeno nervo que desce do cérebro para ele, assim como a dor é sentida como que no pé, por intermédio dos

⁴⁶ A glândula pituitária, pregada no osso esfenoide, satisfaria essa condição, mas não dispõe da mobilidade da pineal. (*Cartas*, a Mersenne, 24 de dezembro de 1640.)

⁴⁷ Trata-se de uma ruptura com a tese peripatética e estoica. Mme Rodis-Lewis, na sua edição do *Traité* (pág. 91), assinala um texto de 1641 onde esse rompimento com a tradição é atenuado: "As paixões, na medida em que pertencem ao corpo, têm como sede principal o coração, visto ser o principal órgão que elas alteram; mas, na medida em que afetam também a alma, aquela reside somente no cérebro, pois só por meio dele é que a alma pode ser imediatamente tocada".

nervos do pé, e os astros são percebidos como que no céu por intermédio de sua luz e dos nervos ópticos; de sorte que não é mais necessário que nossa alma exerça imediatamente as suas funções no coração para nele sentir as suas paixões do que é necessário que ela esteja no céu para nele ver os astros.

Art. 34. Como agem a alma e o corpo um contra o outro.

Concebamos, pois, que a alma tem a sua sede principal na pequena glândula que existe no meio do cérebro, de onde irradia para todo o resto do corpo, por intermédio dos espíritos, dos nervos e mesmo do sangue, que, participando das impressões dos espíritos, podem levá-los pelas artérias a todos os membros; e, lembrando-nos do que já foi dito acima com respeito à máquina de nosso corpo, a saber, que os pequenos filetes de nossos nervos acham-se de tal modo distribuídos em todas as suas partes que, por ocasião dos diversos movimentos aí provocados pelos objetos sensíveis, abrem diversamente os poros do cérebro, o que faz com que os espíritos animais contidos nessas cavidades entrem diversamente nos músculos, por meio do que podem mover os membros de todas as diversas maneiras que esses são capazes de ser movidos, e também que todas as outras causas que podem mover diversamente os espíritos bastam para conduzi-los a diversos músculos; juntemos aqui que a pequena glândula, que é a principal sede da alma, está de tal forma suspensa entre as cavidades que contêm esses espíritos que pode ser movida por eles de tantos modos diversos quantas as diversidades sensíveis nos objetos;

mas que pode também ser diversamente movida pela alma⁴⁸, a qual é de tal natureza que recebe em si tantas impressões diversas, isto é, que ela tem tantas percepções diversas quantos diferentes movimentos sobrevêm nessa glândula; como também, reciprocamente, a máquina do corpo é de tal forma composta que, pelo simples fato de ser essa glândula diversamente movida pela alma ou por qualquer outra causa que possa existir, impele os espíritos animais que a circundam para os poros do cérebro, que os conduzem pelos nervos aos músculos, mediante o que ela os leva a mover os membros.

Art. 35. Exemplo da maneira como as impressões dos objetos se unem na glândula que fica no meio do cérebro.

Assim, por exemplo, se vemos algum animal vir em nossa direção, a luz refletida de seu corpo pinta duas imagens dele, uma em cada um de nossos olhos, e essas duas imagens formam duas outras, por intermédio dos nervos ópticos, na superfície interior do cérebro defronte às suas concavidades; daí, em seguida, por intermédio dos espíritos que enchem suas cavidades, essas imagens irradiam de tal sorte para a pequena glândula envolvida por esses espíritos, que o movimento componente de cada ponto de uma das imagens tende para o mesmo ponto da glândula para o qual tende o movimento que forma o ponto da

⁴⁸ É a *terceira causa* da diversidade no curso dos espíritos que procedem do cérebro (cf. arts. 12 a 16). Cabe notar que a correspondência entre as impressões da alma e os movimentos da glândula constitui uma descrição e de maneira alguma uma explicação da união (cf. Lívio Teixeira, *op. cit.*, pág. 155).

outra imagem, a qual representa a mesma parte desse animal, por meio do que as duas imagens existentes no cérebro compõem apenas uma única na glândula, que, agindo imediatamente contra a alma, lhe faz ver a figura desse animal.

Art. 36. *Exemplo da maneira como as paixões são excitadas na alma.*

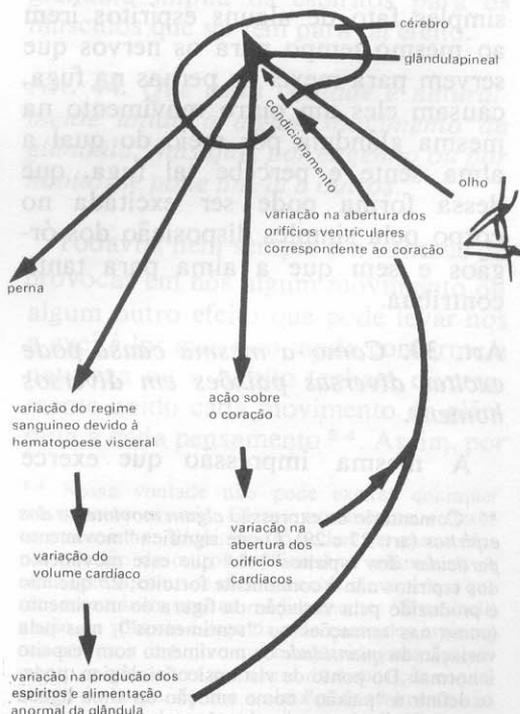
E, além disso, se essa figura é muito estranha e muito apavorante, isto é, se ela tem muita relação com as coisas que foram anteriormente nocivas ao corpo, isto excita na alma a paixão do medo e, em seguida, a da ousadia, ou então a do temor e a do terror, conforme o diverso temperamento do corpo ou a força da alma, e conforme nos tenhamos precedentemente garantido pela defesa ou pela fuga contra as coisas prejudiciais com as quais se relaciona a presente impressão; pois isso dispõe o cérebro de tal modo, em certos homens, que os espíritos refletidos da imagem assim formada na glândula seguem, daí, parte para os nervos que servem para voltar as costas e mexer as pernas para a fuga, e parte para os que alargam ou encolhem de tal modo os orifícios do coração, ou então que agitam de tal maneira as outras partes de onde o sangue lhe é enviado, que este sangue, rarefazendo-se aí de forma diferente da comum, envia espíritos ao cérebro que são próprios para manter e fortificar a paixão do medo, isto é, que são próprios para manter abertos ou então abrir de novo os poros do cérebro que os conduzem aos mesmos nervos; pois, pelo simples fato de esses espíritos entrarem nesses poros, excitam um movimento particu-

lar nessa glândula, o qual é instituído pela natureza para fazer sentir à alma essa paixão, e, como esses poros se relacionam principalmente com os pequenos nervos que servem para apertar ou alargar os orifícios do coração, isso faz que a alma a sinta principalmente como que no coração⁴⁹.

Art. 37. *Como todas parecem causadas por qualquer movimento dos espíritos.*

E como acontece coisa semelhante

⁴⁹ O mecanismo aqui descrito é muito complexo. *De uma parte*, verifica-se um condicionamento: a ligação "instituída pela natureza" entre a abertura de certos orifícios ventriculares e a paixão sentida pela alma. *De outra parte*, verifica-se um auto-reforçamento circular (*feed-back*): "Os espíritos refletidos pela imagem assim formada sobre a glândula", quer por ação direta sobre o coração, quer por uma variação no regime do sangue, modificam o regime dos espíritos animais que seguem do coração para o cérebro, de modo que a alma, sentindo a paixão, torna a lançar os espíritos no mesmo circuito. O que corresponde ao seguinte esquema:



com todas as outras paixões, a saber, que são principalmente causadas pelos espíritos que estão contidos nas cavidades do cérebro, enquanto tomam seu curso para os nervos que servem para alargar ou estreitar os orifícios do coração, ou para impelir diversamente em sua direção o sangue que se encontra nas outras partes, ou, de qualquer outra maneira que seja, para sustentar a mesma paixão, pode-se claramente compreender, de tudo isso, por que afirmo acima, ao defini-las, que são causadas por algum movimento particular dos espíritos⁵⁰.

Art. 38. *Exemplo dos movimentos do corpo que acompanham as paixões e não dependem da alma.*

De resto, assim como o curso seguido por esses espíritos para os nervos do coração basta para imprimir movimento à glândula pela qual o medo é posto na alma, do mesmo modo, pelo simples fato de alguns espíritos irem ao mesmo tempo para os nervos que servem para mexer as pernas na fuga, causam eles um outro movimento na mesma glândula por meio do qual a alma sente e percebe tal fuga, que dessa forma pode ser excitada no corpo pela simples disposição dos órgãos e sem que a alma para tanto contribua.

Art. 39. *Como a mesma causa pode excitar diversas paixões em diversos homens.*

A mesma impressão que exerce

⁵⁰ Comentário da expressão *algum movimento dos espíritos* (art. 27 e 29). O que significa "movimento particular dos espíritos"? 1.º que esse movimento dos espíritos não é comumente fortuito; 2.º que não é produzido pela variação da figura do movimento (como nas sensações ou "sentimentos"), mas pela variação da *quantidade* de movimento com respeito à normal. Do ponto de vista psicofisiológico, pode-se definir a "paixão" como emoção da alma ligada a um automatismo circular de auto-reforçamento capaz de múltiplos condicionamentos.

sobre a glândula a presença de um objeto pavoroso, e que causa o medo em alguns homens, pode excitar, em outros, a coragem e a audácia, isto porque nem todos os cérebros estão dispostos da mesma maneira, e o mesmo movimento da glândula que em alguns excita o medo faz com que, em outros, os espíritos entrem nos poros do cérebro que os conduzem, parte aos nervos que servem para mexer as mãos na defesa e parte nos que agitam e impelem o sangue ao coração, da maneira requerida a produzir espíritos próprios para continuar esta defesa e manter a vontade de prosseguir-la⁵¹.

Art. 40. *Qual é o principal efeito das paixões.*

Pois cumpre notar que o principal efeito de todas as paixões nos homens é que incitam e dispõem a sua alma a querer as coisas para as quais elas lhes preparam os corpos; de sorte que o sentimento de medo incita a fugir, o da audácia a querer combater e assim por diante⁵².

Art. 41. *Qual é o poder da alma com respeito ao corpo.*

Mas a vontade é, por natureza, de

⁵¹ Tal constatação, comenta Lívio Teixeira, "mostra o caráter aleatório e não científico das paixões, mas permite ao mesmo tempo compreender por que o mesmo fato produz efeitos diferentes: é que os cérebros não são dispostos do mesmo modo... Desse modo, ainda que não se saiba *como* o corpo e a alma se comunicam, pode-se explicar *por que* o mesmo fato produz efeitos diferentes". (*Op. cit.*, pág. 156.)

⁵² A "paixão" aparece, assim, como testemunho exemplar da união íntima entre alma e corpo. Na medida em que produzem esta acomodação espontânea é que "as paixões são todas boas" (art. 211). Cf. a definição das paixões dada no *Tratado do Homem*: "Movimentos... que servem para dispor o coração e o fígado, bem como todos os outros órgãos dos quais pode depender o temperamento do sangue e em seguida o dos espíritos, de tal sorte que os espíritos que nascem então estejam aptos a causar os movimentos exteriores que devem seguir".

tal modo livre que nunca pode ser compelida; e, das duas espécies de pensamentos que distingi na alma, das quais uns são suas ações, isto é, suas vontades, e os outros as suas paixões, tomando-se esta palavra em sua significação mais geral, que compreende todas as espécies de percepções, os primeiros estão absolutamente em seu poder e só indiretamente o corpo pode modificá-los, assim como, ao contrário, os últimos dependem absolutamente das ações que os produzem, e a alma só pode modificá-los indiretamente, exceto quando ela própria é sua causa⁵³. E toda a ação da alma consiste em que, simplesmente por querer alguma coisa, leva a pequena glândula, à qual está estreitamente unida, a mover-se da maneira necessária a fim de produzir o efeito que se relaciona com esta vontade.

Art. 42. Como encontramos em nossa memória as coisas de que nos queremos lembrar.

Assim, quando a alma quer lembrar-se de algo, essa vontade faz com que a glândula, inclinando-se sucessivamente para diversos lados, impila os espíritos para diversos lugares do cérebro, até que encontrem aquele onde estão os traços deixados pelo objeto de que queremos nos lembrar; pois esses traços não são outra coisa senão os poros do cérebro, por onde os espíritos tomaram anteriormente seu curso devido à presença desse objeto, e adquiriram, assim, maior facilidade que os outros, para serem de novo abertos da mesma maneira pelos espíritos que para eles se dirigem; de sorte que tais espíritos, encontrando esses poros, entram neles mais facilmente do que nos

⁵³ "Se existe algo absolutamente em nosso poder, são os nossos pensamentos, a saber, aqueles que provêm da vontade e do livre arbítrio." (*Cartas*, a Mersenne, 3 de dezembro de 1640.)

outros, excitando, por esse meio, um movimento particular na glândula, que representa à alma o mesmo objeto e lhe faz saber que se trata daquele do qual queria lembrar-se.

Art. 43. Como a alma pode imaginar, estar atenta e mover o corpo.

Assim, quando se quer imaginar algo que nunca se viu, essa vontade tem o poder de levar a glândula a mover-se da maneira necessária para impelir os espíritos aos poros do cérebro por cuja abertura essa coisa pode ser representada; assim, quando se pretende fixar a atenção para considerar por algum tempo um mesmo objeto, tal vontade retém a glândula, durante esse tempo, inclinada para um mesmo lado; assim, enfim, quando se quer andar ou mover o próprio corpo de alguma maneira, essa vontade faz com que a glândula impila os espíritos para os músculos que servem para tal efeito.

Art. 44. Que cada vontade é naturalmente unida a algum movimento da glândula; mas que, por engenho ou por hábito, se pode uni-la a outros.

Todavia, nem sempre é a vontade de provocar em nós algum movimento ou algum outro efeito que pode levar-nos a excitá-lo; mas isso muda conforme a natureza ou o hábito tenham diversamente unido cada movimento da glândula a cada pensamento⁵⁴. Assim, por

⁵⁴ Nossa vontade não pode excitar quaisquer movimentos em nós. Certos movimentos, reflexos ou mecanismos adquiridos só podem ser executados por ocasião de outros movimentos voluntários. A alma ignora como se efetuam esses movimentos que são executáveis apenas mediamente: "Esta inclinação da vontade é seguida pelo curso dos espíritos nos nervos, e de tudo o que é requerido para o movimento, o que ocorre por causa da disposição conveniente do corpo, de que a alma pode realmente não ter de modo algum conhecimento..." (*Cartas*, a Arnauld, 29 de julho de 1648.)